

## **A Crônica Literária-Jornalística como Instrumento de Preservação da Memória Coletiva durante a Ditadura Civil-Militar: Análise das ‘Cartas da Mãe’ (1977-1980) de Henfil<sup>1</sup>**

Clarice de Oliveira MUSCALU<sup>2</sup>

Jairo Faria MENDES<sup>3</sup>

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG

### **RESUMO**

Este trabalho, que advém de uma pesquisa de iniciação científica ainda em curso, busca identificar as potencialidades da crônica no estudo da história e na compreensão da construção da memória coletiva, a partir das publicações do colunista Henfil na revista *IstoÉ* durante o período de 1977 e 1980. Assim, compreender a relevância jornalística, cultural e política da figura de Henfil durante a ditadura civil-militar e na atualidade assume posição importante na fundamentação desta pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** crônica; memória; jornalismo; política; Henfil.

### **CORPO DO TEXTO**

A crônica surge, essencialmente num cenário brasileiro, como um gênero textual que navega entre especificidades de textos jornalísticos e literários. Nesse contexto, o gênero é atribuído à narração de fatos cotidianos por meio de uma linguagem mais subjetiva. Segundo Cossari (2004),

A crônica é um gênero textual que representa o cotidiano em um texto muito próximo da poesia. Esse gênero da literatura ligado ao jornal participa da nossa realidade há mais de um século e tem uma linguagem desprestigiada, próxima da conversa do dia a dia (Cossari, 2004, p.1).

Parte-se, então, do entendimento de que a crônica, nessa desprestigiada, é capaz de humanizar, uma vez que sua linguagem aproxima-se do nosso modo de ser mais natural (Candido, 1992, p. 13). Essa nuance subjetiva não retira sua carga informativa. Muito pelo contrário, “a crônica é, primordialmente, um texto escrito para ser publicado no jornal” (Cossari, 2004, p.1). Ademais, esse lado mais parcial e autoral do jornalismo não desata, necessariamente, a crônica dos valores da ética e da verdade, esses que estão sempre associados à essência jornalística.

Segundo Charaudeau (2007), a crônica fundamenta-se em três princípios: o “acontecimento comentado”, o engajamento livre da instância midiática e a personalização do ponto de vista. Isso atribui a necessidade de um jornalista crítico,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação Política e Eleitoral, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSJ, email: [clarimuska@gmail.com](mailto:clarimuska@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSJ, email: [jairo.ufsj@gmail.com](mailto:jairo.ufsj@gmail.com)

capaz de opinar e argumentar no texto, bem como a de um leitor ativo, que compreende e reflete sobre tais apontamentos (Paschoalino, 2009, p. 69-70).

Por mais que crônicas sejam textos efêmeros, de consumo, por parte dos leitores, imediato, sua existência permeia pela história e pela memória. Abre-se, então, a discussão do papel do jornalismo e, conseqüentemente, da crônica, como agente político e instrumento de preservação da memória.

No que se refere à história e à comunicação, Marialva Carlos Barbosa (2007) afirma que “o olhar que cada campo direciona do ponto de vista teórico e metodológico faz dessa relação o que estamos chamando universo de possíveis” (Barbosa, 2007, p. 15). Deste modo, enquanto a comunicação enxerga na história a possibilidade de adentrar o passado e encontrar maneiras de transportar este para o presente, a história entende os meios de comunicação como ferramentas com potencial para compreensão de um contexto passado (Barbosa, 2007). Por isso, discutir as potencialidades da crônica também refere-se à discussão do espaço da mídia na história e na política.

Ferreira e Ribeiro (2007) discutem que os meios de comunicação, ao mediar a relação do sujeito com as transformações do cotidiano, produzem sentidos para os processos históricos e desempenham papel importante na constituição das próprias subjetividades (Ferreira; Ribeiro, 2007, p.7). Portanto, a mídia ocupa um verdadeiro “lugar de memória” da contemporaneidade, já que aponta, entre todos os fatos, aqueles que devem ser memoráveis, capazes de construir sentidos diversos.

Dessa forma, além de compreendida como memória escrita, a crônica, como discorre Margarida de Souza Neves (1992), pode ser entendida como lugar da memória ao ser capaz de reinventar o cotidiano, dado que, “de formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo” (Neves, 1992, p. 78-82).

De parecer semelhante ao de Neves é o de Arrigucci Jr. (1987), para quem a crônica é, apesar de sua designação moderna, um meio de representação temporal e um registro da vida escoada. Conclui, portanto, que o cronista é um “narrador da história” (Arrigucci Jr., 1987, p. 51-52).

Quando nos referimos à memória, nesse contexto, é preciso salientar que, além de se constituir como instrumento de poder político, a ideia de “memória” divide-se em duas definições, como postula Ana Paula Goulart Ribeiro (2000):

Há, de um lado, uma memória oficial, que, ao selecionar e ordenar os fatos segundo critérios, se constrói sobre zonas de sombras, silêncios, esquecimentos e repressões. De outro lado, há, opondo-se à oficial, várias memórias coletivas subterrâneas, que, seja nos quadros familiares, em associações ou em grupos étnicos, culturais ou políticos, transmitem e conservam lembranças proibidas ou simplesmente ignoradas pela visão dominante (Ribeiro, 2000, p. 31).

O que se discute aqui, portanto, é a crônica como um trabalho unido à concepção de uma memória coletiva que envolve o fragmentário, as sensações e a luta coletiva, não somente ligados a uma narrativa linear da história. Dessa forma, a pesquisa fundamenta-se no estudo das potencialidades da crônica, tanto no jornalismo, quanto no estudo da história, da memória coletiva e da política, já que sua essência está vinculada à noção de tempo. Tal perspectiva é discutida neste trabalho a partir da análise das crônicas publicadas pelo jornalista e cartunista Henfil, entre 1977 e 1980, na revista *IstoÉ*.

Henrique de Souza Filho, mais conhecido como Henfil, nasceu em 1944, em Minas Gerais. Iniciou sua carreira como ilustrador, em 1964, quando trabalhou na revista *Alterosa*, em Belo Horizonte. Pouco tempo depois, teve seus trabalhos publicados no jornal *Diário de Minas* e nas revistas *Realidade*, *Visão*, *Placar* e *O Cruzeiro*. Suas produções no semanário *Pasquim* foram igualmente relevantes para o reconhecimento de seu trabalho, como afirma Dênis de Moraes:

Foi lá que este notável artista do traço se projetou nacionalmente, aos 25 anos de idade, com as endiabradas tiras dos Fradinhos, e viveu uma das fases mais criativas da carreira. O seu humor debochado, cortante e feroz se ajustaria como uma luva ao espírito indomável do *Pasquim* (Moraes, 1999, p. 2).

Sua trajetória também é marcada pelas vidas dos irmãos, o sociólogo Herbert de Souza, conhecido como Betinho, e o músico Chico Mário. Esse primeiro, em especial, torna-se importante para os trabalhos jornalísticos de Henfil, já que foi preso no Rio de Janeiro, em 1966, após voltar clandestinamente ao Brasil depois de um ano no Uruguai, envolvido com articulações políticas (Moraes, 2016, p. 55), e, mais tarde, em 1971, partir para o exílio.

Em 1970, Henfil passou a trabalhar com projetos na revista *Fradim*. Nela, floresceu suas atividades como cartunista por meio da produção de charges cômicas e satíricas, que carregavam, de forma incisiva, críticas e denúncias ao regime militar. O que destacava o trabalho do jornalista era o uso do humor ao lado de reflexões políticas e de uma busca por transformação social.

A partir de 1977, Henfil, convidado pelo jornalista Mino Carta, tornou-se diretor de redação da revista *IstoÉ* e assumiu a última página do veículo. Nesta, publicava cartas para a mãe que abordavam os mais diversos assuntos referentes à conjuntura histórica-política da época (Henfil, 1981). Estas cartas, que assumem posição de crônicas, constroem compreensões significativas para o entendimento de “memórias coletivas”, caracterizadas por Ribeiro (2000), e enquadram-se como importantes textos cômicos, políticos e jornalísticos, como descreve Moraes (2016):

Havia uma estratégia política por trás da inclusão da mãe nos escritos. Henfil se cobria com o manto de respeito proporcionado pelo inofensivo retrato de uma senhora idosa e pelo tom matreiro das conversações que fingia ter com ela (Moraes, 2016, p. 159).

Uma contextualização histórica faz-se necessária para a compreensão da relevância dos escritos de Henfil. Durante o período de publicação das “Cartas da Mãe” estava sob vigência o governo de Ernesto Geisel, que assumiu tal posição entre 1974 e 1979. O espaço público era restrito, como em todos os regimes autoritários. No entanto, a ditadura civil-militar passava por seu momento de abertura, resultado de lutas insistentes dos grupos pró-redemocratização, destes nos quais Henfil se identificava.

Ademais, o golpe militar de 1964 fortaleceu-se a partir da venda da imagem do milagre econômico, controlando a imprensa e impedindo qualquer crítica aos governos ditatoriais. Heloísa Buarque de Hollanda (1980) afirma que, no campo da produção cultural e midiática, a censura assume uma posição violentíssima. Num segundo momento artistas, professores, intelectuais e jornalistas também passaram a ser “enquadrados à farta legislação coercitiva do Estado” (Hollanda, 1980, p. 91).

Aqui salienta-se o papel da mídia (controlada e censurada), que atuava “ora como divulgadora do poder constituído, ora como parceira dos movimentos de oposição” (Paschoalino, 2009, p.8). A *IstoÉ*, por exemplo, surgiu como uma revista alternativa aos posicionamentos conservadores da revista *Veja* (Moraes, 2016, p. 161-162). Como o próprio Henfil dizia, ele via a necessidade de estimular nos leitores o

sentimento de inquietação e busca por mudança: “Na ditadura, eu acentuava muito a agressividade do humor. Tínhamos que encontrar um jeito de obrigar as pessoas a refletirem sobre o que estava acontecendo” (Henfil apud Moraes, 1996, p. 134).

A partir disso, cabe compreender o gênero híbrido da carta-crônica. Como postula Paschoalino (2009), os textos de Henfil integram à crônica - um gênero fluido, já composto por outros gêneros - uma certa estrutura de correspondência. Se antes estas cartas compunham um campo mais familiar e íntimo, ao incorporar tais qualidades à crônica e publicá-las na *IstoÉ*, os textos partem para um âmbito midiático e social.

Nesse cenário, Henfil surge com produções jornalísticas combativas e satíricas. Suas publicações foram capazes de rastrear o imaginário político brasileiro sob o regime militar e esmiuçar as narrativas e conjunturas que nortearam a transição para a redemocratização.

Nota-se nos escritos do cronista alguns dos aspectos mais importantes para a produção de Henfil. O afeto cínico mostra-se como uma forma de se aproximar e dialogar, sempre de maneira coloquial, com o que se tinha como poder instituído, acionando personagens e temáticas relevantes para o espaço público. Para além disso, as cartas apresentam uma representação simbólica do espaço ocupado por estes personagens no imaginário da esquerda brasileira (Coutinho, 2014). Suas narrativas retratam o ser humano comum, envolvido em ações que compõem a vida cotidiana e representam uma vivência comunitária.

É a partir destas crônicas que observa-se o posicionamento estratégico de um autor relevante e atuante para um espaço público. A posição que ele toma aqui permite que as memórias coletivas subterrâneas não caiam no esquecimento. Além disso, essas produções tocam em impressões e intimidades tão somente humanas, o que permite a investigação e análise sensíveis de um período histórico específico brasileiro.

Portanto, compreende-se, a partir da leitura e da análise das crônicas publicadas por Henfil na *IstoÉ*, que crônicas, embora extremamente ligadas ao lado subjetivo e íntimo do homem, são capazes de transportar o leitor ao entendimento da conjuntura histórica de determinada época, do mesmo modo em que assumem um importante papel na criação jornalística. Por isso, a pesquisa fundamenta-se na avaliação da crônica como um gênero particular e curioso - principalmente num âmbito brasileiro -, e na compreensão do jornalismo no estudo da história, da memória e da política.

## REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI Jr., D. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Cia das Letras, 1987

BARBOSA, M. C. **Meios de comunicação e história: um universo de possíveis**. In: FERREIRA, L. M. A; RIBEIRO, A. P. G. *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2007.

CANDIDO, A. **A vida ao rés-do-chão**. In: CANDIDO, Antonio (et. al.). *Crônica: o gênero e sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992; p. 13 – 22.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

COSSARI, P. H. **O cotidiano representado na crônica jornalística**. In: VI Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL, Florianópolis, 2004. Disponível em: <[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VI/Individuais/O%20COTIDIANO%20REPRESENTADO%20NA%20CR%C3%94NICA%20JORNAL%C3%8DSTICA.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/O%20COTIDIANO%20REPRESENTADO%20NA%20CR%C3%94NICA%20JORNAL%C3%8DSTICA.pdf)>. Acesso em: 09/04/2024.

COUTINHO, G. G. **O necessário retorno às “Cartas da Mãe” de Henfil**. Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais, n. 15, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/22575/16397>>. Acesso em: 10/04/2024.

FERREIRA, L. M. A; RIBEIRO, A. P. G. **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2007.

HENFIL. **Cartas da mãe**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Codecri Ltda, 1981.

HOLLANDA, H. B. de. **Impressões de viagens**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

MORAES, D. de. **Humor de combate: Henfil e os 30 anos do Pasquim**. C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, 1999. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/20481>>. Acesso em: 10/04/2023.

MORAES, D. de. **O Rebelde do Traço: a vida de Henfil**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

NEVES, M. de S.. **Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas**. In: Candido, Antonio et al. *A crônica*. Campinas: UNICAMP, 1992, p. 75-92.

PASCHOALINO, P. **Intimidades Públicas nas Cartas da Mãe de Henfil**. 2009. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_PaschoalinoP\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_PaschoalinoP_1.pdf)>. Acesso em: 10/04/2024.

RIBEIRO, A. P. G. **A mídia e o lugar da história**. In: *Lugar Comum; estudos de mídia, cultura e democracia*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000. n°11, p. 25-44.